



DIANA OLIVEIRA
CFA
Analista
Banco de Investimento Global

OPEP – um cartel de sucesso?

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) é uma organização de 14 países produtores de petróleo criada em 1960. Esta organização, liderada pela Arábia Saudita (o 2º maior produtor de petróleo do mundo), foi criada com o objetivo de mitigar o controlo de sete grandes empresas multinacionais – conhecidas como Sete Irmãs, sendo essas as empresas que precederam a BP, Shell, Chevron e Exxon Mobil – no mercado petrolífero entre os anos 40 a 70. Este foi um objetivo em que foi bem-sucedida – quando atestamos o carro, a fatura final era em grande parte definida pelas ações da OPEP. Operando como um cartel, com 40% da produção, 60% das exportações e 81,5% das reservas de petróleo concentradas nos países da organização, a OPEP é uma das vozes finais nos mecanismos de equilíbrio de procura e oferta no mercado de petróleo, definindo o preço através da oferta de petróleo pelos seus membros (aumentando quando pretende reduzir

o preço de petróleo, reduzindo quando pretende aumentar o preço). Contudo, a não inclusão de dois dos três maiores produtores de petróleo do mundo (Estados Unidos e Rússia) nos membros, assim como as disputas internas, implicam uma menor eficácia nas suas ações, tendo levado a importância da OPEP a ser cada vez mais questionada.

A OPEP sofreu uma derrota após a decisão de não intervir no mercado petrolífero (cortando a produção) no seguimento da queda vertiginosa dos preços de petróleo em 2014, despoletada pelo excesso em oferta vs. procura devido à crescente produção de petróleo de xisto nos EUA. O objetivo da OPEP (mais concretamente do seu de facto líder, Arábia Saudita) era “asfixiar” os produtores de petróleo de xisto através de baixos preços, que os seus maiores custos de produção não conseguiam aguentar, removendo assim um importante e crescente segmento de produção de petróleo nos EUA. A OPEP foi obrigada a rever a sua posição e cortar a produção

em 2016, devido ao impacto negativo dos baixos preços do crude nas economias dos seus membros. Este corte foi estabelecido com outros 11 produtores não-membros da OPEP, incluindo a Rússia e México. O corte de produção conseguiu equilibrar o mercado petrolífero, levando os preços da ouro negro a recuperar. Todavia, permitiu a expansão de produção nos Estados Unidos, onde alguns produtores de petróleo de xisto sobreviveram – os mais resilientes e/ou resultantes de consolidação no setor – e muitos dos mais alavancados ressuscitaram. Neste embate, os EUA fizeram checkmate à OPEP, com a sua produção a apresentar máximos consecutivos.

O novo desafio da organização é manter o consenso entre os membros. A organização inclui a Arábia Saudita e o Irão, duas potências do Médio Oriente que estão em confronto direto para a posição de liderança da região, e o Qatar, que enfrenta há mais de um ano um bloqueio liderado pela Arábia Saudita. De facto, o resultado da próxima

reunião dos membros (que decorre à data de lançamento desta edição do Vida Económica) é uma incógnita – a Arábia Saudita pretende remover os cortes de produção, sendo apoiada pelo não-membro Rússia, com o Irão, Iraque e Venezuela a oporem-se. Quem sairá vencedor deste confronto não é claro, mas qualquer um dos desenvolvimentos (remoção ou não dos cortes) terá impacto na sua carteira quando for abastecer na próxima semana. Este conflito entre membros da OPEP não é caso isolado, e já ocorreu em outros momentos passados, não levando no entanto à dissolução do cartel.

Não obstante os desafios que a OPEP enfrenta, o seu sucesso passado não deve ser descartado, assim como a sua permanência no futuro – um potencial acordo mais permanente entre a OPEP e os 11 países não-membros da OPEP que realizaram cortes após o acordo de 2016 (rotulado OPEP+) poderá ser o catalisador para a OPEP retomar os tempos áureos do passado.